

Director: João Govern

170\$00 ■ ANO XII ■ 666
14 de Março de 1991

SE7E

O PADRINHO CAUSA NOSTRA

COPPOLA, GRANDE ENTREVISTA
PERFIL, OS ESCOLHOS DE SOFIA
AS RAÍZES DE UM CINEMA
TODAS AS CARAS DA SAGA
A ODISSEIA DA PRODUÇÃO

Bondwell[®]

portátil

Alta
tecnologia
informática
sempre
consigo



UMA REPRESENTAÇÃO

TRIUBUS

A SUA MELHOR OPÇÃO INFORMÁTICA

Teve toda a coragem do mundo para aceitar este papel.
Vai mal mas só lhe ficou bem submeter-se
ao amor familiar. Afinal tratava-se
de «O Padrinho» e ela chama-se Sofia Coppola

SOFIA COPPOLA

apadrinhada

Herdou os traços grossos do pai. Herdou sobretudo aquele célebre lábio inferior descomunal que Coppola aponta como o seu estigma mais primitivo, mais marcante, insuperável. «De todas as coisas, a mais profunda para mim é a forma do meu lábio inferior. Tudo o que me aconteceu nasce dessa condição.»

Inexpressiva, Sofia tem presença raça, toda cabelos e olhos muito escuros, latinos. Quando se mexe é que temos o caldo entornado. O andar é desmanchado, mete sempre os pés para dentro e é evidente que está aflita para não atropelar nenhum fio, mesa ou actor, mais do que envolvida na interpretação. É pena mas temos que dar razão aos críticos americanos quando crucificaram Coppola por este imperdoável «miscasting». Sofia não tem pedalada para o fogo de Andy Garcia e, principalmente, mata aquela que poderia ser a cena mais forte de «O Padrinho III», o atentado final a Michael Corleone.

Em todo o caso só fica bem dar o desconto à rapariga. Afinal foi uma batata quentíssima a que o pai lhe passou para as mãos. Mary Corleone esteve para ser desempenhada por Madonna e, finalmente, por Winona Ryder, a coqueluche americana namoradinha de Johny Depp. Esta teve a peregrina ideia de sofrer um chilique assim que desembarcou em Itália, deixando o filme todo pendurado. Coppola, muito pragmaticamente, resolveu de imediato substituí-la pela filha, uma italo-americana genuína, ainda por cima ali mesmo a jeito e um elemento em quem poderia confiar cegamente. É cruel a circularidade, mas vistas daqui as coisas só poderiam ter sido assim: a filha de Michael (Francis?) Corleone tinha de ser a filha de Coppola.

Sofia, que até então era uma pacata estudante de História da Arte em férias de Natal com a família, foi surpreendida com a notícia quando se preparava para tomar banho. «Achei terrível, mas tinha de ser. O meu pai já estava demasiado pressionado para ser eu, justamente, a falhar-lhe», conta. «Fiquei muito deprimida, chorei baba e ranho, achei que não era capaz. Em especial quando me apercebi que a minha entrada era mais uma acha a deitar à fogueira das intrigas que então grassavam entre a equipa. Mas o meu pai pôs-me sempre à vontade: se quisesse, podia ter recusado.» Iniciou então uma furiosa corrida contra o tempo, desdobrando-se em aulas de diction e ensaios infundáveis, «em que mal imaginava o inferno a que me ia sujeitar». Mas quanto às críticas à sua prestação não insiste na modéstia e afirma peremptoriamente que se dirigem ao pai. «São injustas. Se eu tivesse outro nome,

as coisas não se passavam assim...» Talvez passassem, Sofia, desculpa.

E no entanto Sofia tem uma colaboração estreita com o pai desde há muito. Além de «Peggy Sue Casou-se», «Os Marginais» e «Rumble Fish», onde aparecia em pequenos papéis próximos da figuração especial, co-escreveu «Life Without Zoe», o espantoso episódio de Coppola para «Histórias de Nova Iorque», e desenhou todo aquele divertidíssimo guarda-roupa. A habilidade vem-lhe dos dois verões que passou em Paris a aprender os segredos da alta costura com Karl Lagerfeld, nem mais nem menos. Quem pode, pode. Tinha dezasseis anos e espera voltar a repetir a experiência. «Great, truly great», comenta. Quando lhe pergunto o quer fazer, afinal de contas, se escrever, ser actriz ou designer de moda, hesita e assume a incerteza credível em quem ainda agora começou. «Tenho 19 anos. Quero aprender e fazer tudo. Não sei se me especialize, ainda não decidi...» Sabe apenas que gosta «muito» de trabalhar com o pai, adoraria trabalhar com outros realizadores, «mas de momento nada está previsto». O grau de parentesco não afecta negativamente a sua relação profissional com o pai, diz. «a não ser no nível de severidade que ele tem comigo e com a minha tia (Talia Shire, Connie), com quem pode ser mais honesto correndo menos o risco de ferir susceptibilidades.»

Ter sido **O Padrinho** a sua prova de fogo, «só aumenta a excitação». Recorde-se que a cumplicidade de Sofia com este projecto tão perfeito quanto megalómano é existencial, mais do que mental ou meramente empática. Nasceu durante as filmagens de **O Padrinho** e deu logo um ar da sua graça: era ela a criança baptizada, e filha de Connie e Carlo, na mesma Igreja onde Michael é homenageado com a Ordem de S. Sebastião, na abertura do terceiro andamento da saga. Na sua opinião este é mesmo o capítulo final da história. «É uma consequência inventiva mas lógica dos dois primeiros filmes. Michael Corleone era uma espécie de personificação da América e, uma vez morto, não faz sentido haver um quarto.» Final também é este tipo de papel na sua hipotética carreira de actriz. «Não quero fazer mais Teenage things.» Dentro ou fora da família, que assume ser uma tribo muito próxima dos Corleone, devido às origens italianas. «Somos pelo menos tão ligados como eles...» arrisca. De resto, Sofia quer agora comportar-se como uma rapariga normal que gosta muito de ir ao cinema. A propósito, os seus realizadores preferidos são David Lynch, Martin Scorsese, John Watees e... «My dad. Why not?». Pois então! Quando se tem um pai assim, o mínimo é ser seu fã. Inveteradamente. ■ Teresa CARMO



PERFIL



la famiglia



É fundamental a imensa galeria de secundários para cimentar a lógica da família Corleone. **Maria João Martins e Teresa Carmo** recordam todos os rostos da saga

DON VITO CORLEONE

Nasceu no berço da Mafia, em Corleone, Sicília. Chama-se Vito Andolini e, aos nove anos, já um Padrinho local (Don Ciccio) lhe tinha morto o pai, o irmão mais velho e a mãe. O mesmo lhe teria acontecido, de resto, se não se metesse num barco e zarpsse para a «terra de todas as oportunidades».

Ai, deambulou longos anos por ofícios geralmente consagrados aos «spaghetti» em terras do Tio Sam. Mas, subtilmente, como era seu modo, foi guardando segredos e não esquecendo quem lhe devia e quem lhe fazia favores.

Em 1917, já era casado com a única mulher da sua vida e já lhe nascera primogénito. Ao contrário de outros, não os trocará por nenhuma diva do vaudeville.

Quarenta anos volvidos, encontramos-lo no casamento da filha, rodeado de afilhados, juizes, senadores e rivais. E a imagem mais paradigmática do poder, mas insiste que um homem só o é quando passa o tempo com a família.



FREDO

Não tem a impetuosidade de Sonny, nem a prudência de Michael. Move-se aos tombos, vida fora e tem o perfil ideal do falhado segundo Coppola. Num meio como aquele em que teve a infelicidade de nascer, o resultado só podia ser trágico. O seu relacionamento com o sexo oposto é disso primeiro sinal. Casa com uma mulher tipo «dumb blond» e, depois, confessa não a conseguir controlar. Os irmãos encaregem-se ao disso por ele para evitar salpicos de lama sobre a família. Morre afogado, num estranho acidente a que não será estranho o próprio Michael Corleone...



SONNY

Na saga «O Padrinho», o primogénito dos Corleone oscila entre a total generosidade e a total violência. Don Vito destinara-o para sucessor, mas não se dá por satisfeito com a escolha. No fundo, ele suspeita que aquele filho dificilmente sobreviveria aos jogos de terrível subtiliza próprios dos Mafiosos. De temperamento escaldante, aprecia os prazeres extracônjugais e a «dolce vita». Como o pai, no entanto, colocará a família acima de qualquer infâmia. Odeia Carlo porque maltrata Connie e tratava por impor justiça, se esses maus tratos não fossem, na verdade, uma maquiavélica armadilha. É brutalmente assassinado, numa das seqüências mais terríveis de «O Padrinho II».



MICHAEL

O pai preocupava-se demasiado com ele. A primeira vez que o vemos, em «O Padrinho I», está ele a dizer à namorada: «Isto é a minha família, não sou eu». Mas Michael era ainda muito jovem para saber que, na lógica siciliana, obrigações familiares e indivíduo são valores inalienáveis. Cedo, a família abater-se-á sobre ele, e levá-lo-á a ser o segundo Don Corleone. Um Padrinho bastante mais terrível do que o primeiro, porque os tempos também eram outros. Uma das personagens mais inesquecíveis da história do cinema. Graças a «Don» Al Pacino...



CONNIE

A única filha da progenitora de Vito Corleone. Desempenha Talia Shire, irmã de Coppola (como tantos outros de mesmo sobrenome que figuram nos géneros) e é um dos poucos personagens que percorrem o triptico do principio ao fim. Na parte III, Connie assume um papel de extrema relevância que antes não tivera, como substituta da «mama» e zelosa ama de Michael. Depois de desvarios vários, que incluem um casamento com um traidor à família e uma vida desbragada com homens desinteressantes e ambiciosos. Connie ganhou juízo e chamou a si o papel de elemento sensato fiel ao mano e já com algum poder sobre as suas decisões, como no caso da passagem de testemunho a Vincenzo Mancini/Andy Garcia.



TOM HAGEN

É um dos grandes ausentes de «O Padrinho III». O seu substituto, o cinzento George Hamilton, não apaga nem por um momento a recordação de Tom Hagen, o insubstituível consigliere da família Corleone. É que este era desempenhado por um senhor actor chamado Robert Duvall. Tom era um garoto da rua que Sonny trouxe para casa e D. Vito adoptou, como se um sanguineo membro da família se tratasse. É o exemplo acabado da obediência cega aos designios de Don, como testemunha a «oferta irrecusável» ao renitente contratante de J. Fontana para um papel importante. A célebre cabeça de cavalo na cama.



KAY PARKER

Como Carlo, entrou no clã dos Corleone pela porta do casamento. Mas, ao contrário dele, esse acto foi apenas uma forma de amar Michael Corleone, o homem de toda a sua vida.

Quando casa, está, no entanto, convencida de que o marido não será um Don exactamente igual a Don Vito. Enganara-se. Mas, mesmo deixando o sagrado lar siciliano, não vai deixar de amar o marido. Mesmo que, por vezes, o medo se sobreponha a tão longo amor.



CARLO

Entra na família Corleone pela porta do casamento com Connie. No entanto, jamais conseguirá transformar-se num verdadeiro irmão de Michael, Sonny, Vito e até de Tom.

Don Vito adverte, no início, que se não discutissem assuntos de família com ele. De resto, como se veria depois, estava cheio de razão. Carlo, não só maltratava Connie, com congeminará com Barzini o assassino de Sonny. Michael não lhe perdoará tamanhos atentados à coesão familiar.



MARY CORLEONE

Interpretada por Sofia Coppola, a filha do realizador, é um dos poucos casos de desequilíbrio na espantosa qualidade «media» das interpretações de «O Padrinho III». A acrescentar a este há apenas o caso do advogado de Michael, um pastelão incapaz da presença imperceptível de Robert Duvall, o inestimável consigliere das partes I e II. Mary é uma das mulheres da vida de Michael, que a recorda juntamente com Apollonia e Kay no curto flash back que antecede a sua morte.



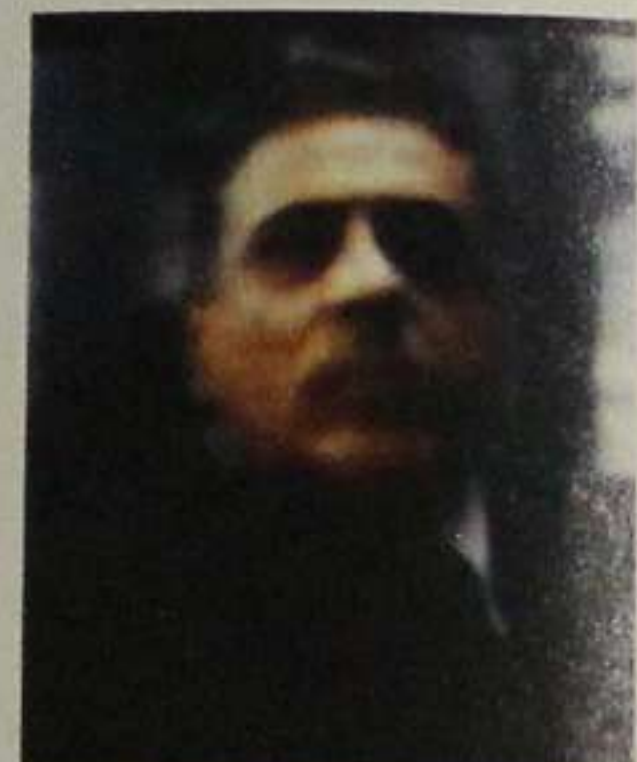
ANTHONY CORLEONE

Filho de Michael e Kay, tem a coragem suficiente para dizer ao pai que o seu destino nada terá a ver com os negócios. Dedicar-se à ópera, mas ainda assim consegue honrar a sagrada família. Muniço destes velhos ideais, estreia-se na Sicília, de onde o avô partirá setenta e muitos anos antes. A sua artística maneira será também um Don Corleone. É interpretado por Franc d'Ambrosio, uma estrela a ascender no panorama da ópera actual, já convidado por Pavarotti a participar nas suas encenações.



ANDREW HAGEN

Tal como a mãe, Theresa Hagen, ninguém dera pela sua presença nos anteriores «Padrinhos». Aparece agora, vestido de sacerdote, a querer muito ir para um Vaticano. E, porque a um Corleone nada se recusa, cedo terá a tão desejada colocação.



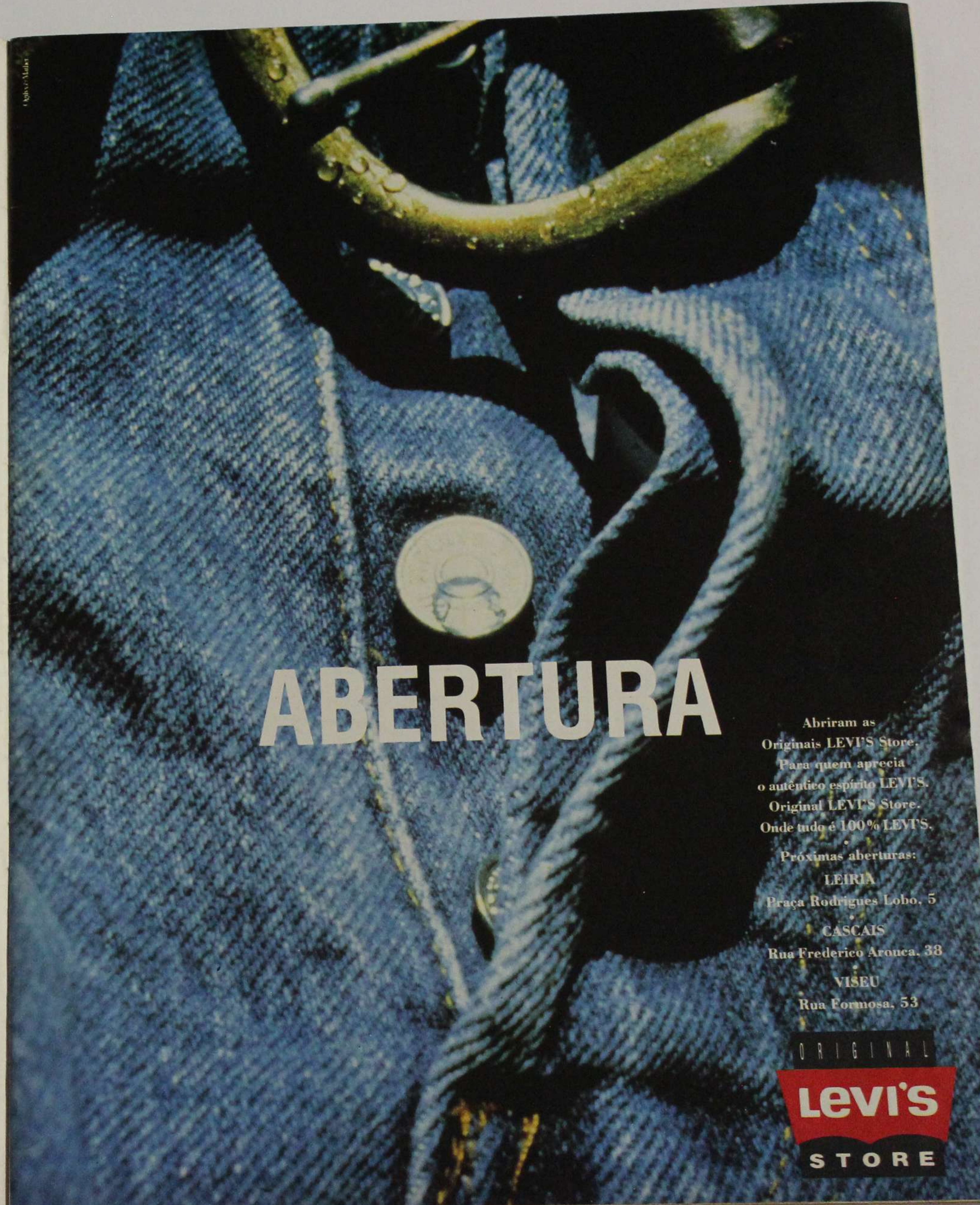
LUCA BRAZI

Funciona como simples peão no xadrez jogado pelos Corleone. É responsável por uma das cenas exemplares na apresentação da família (I), quando ensaia um sentido discurso de agradecimento por estar presente no casamento da filha, Connie, jura fidelidade. Os Tattaglia encarregar-se-iam de o eliminar.



CLEMENZA

É tão guloso como bom cozinheiro. Os seus pratos de «spaghetti» fazem juz à tradição italiana. Metem tomate, queijo e até açúcar. Mas, como um bom afilhado de Don Vito, tem outras aptidões para além das gastronómicas. A ele, por exemplo, caberá auxiliar Michael na vingança do atentado contra o «Padrinho». É com a sua colaboração que o sangue corre no tal restaurante do Bronx. Volta a aparecer no II, muito novo, a «oferecer» um belo tapete à esposa de Vito/Robert De Niro.



ABERTURA

Abriam as
Originais LEVI'S Store.
 Para quem aprecia
 o autêntico espírito LEVI'S.
Original LEVI'S Store.
 Onde tudo é 100% LEVI'S.
 Próximas aberturas:
LEIRIA
 Praça Rodrigues Lobo, 5
CASCAIS
 Rua Frederico Arouca, 38
UISEU
 Rua Formosa, 53



